

Jorge de Filgueiras

AS MÁSCARAS DO DEMÓNIO

1961

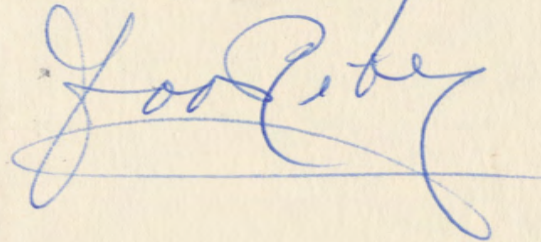
PRÉMIO DE REVELAÇÃO

Recebemos de Exmo. Senhor Jorge de Filgueiras.....
.....três..... exemplares de um original intitulado .As Máscaras do.....
.....Demónio..... que se destina ao concurso do Prémio de Revelação re-
ferente ao ano de 1961.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1962

O empregado da S.P.E.

Sociedade Portuguesa
de Escritores
R. da Escola Politécnica, 20-1.º E.
Telef. 29862—LISBOA-2



"L'homme naît libre mais partout on
le voit enchaîné".

J.J. Rousseau

AS MÁSCARAS DO DEMÓNIO

"L'homme naît libre mais partout on
le voit enchaîné".

ÍNDICE

J.J. Rousseau

O PESCADOR SOLITÁRIO

A FILHA DE GUENAR	PAG. 26
MINHA	PAG. 31
O FILHO DE LEMHART	PAG. 56
A GRANJA DOS SEIS PARTIDOS	PAG. 74
OS HOMENS JUNTOS	PAG. 80
A CANAÇA AMARONADA	PAG. 96
AS MÁSCARAS DO INFERNO	PAG. 103
A CADEIA	PAG. 121
A REVOLTA DOS CAMPONESES	PAG. 13
ARA	PAG. 159

ÍNDICE

O PESCADOR SOLITÁRIO

A FILHA DE GUNNAR	PAG. 26
MINDA	PAG. 37
O FILHO DE LENNART	PAG. 56
A GRANJA DOS SETE PARTIDOS	PAG. 74
OS HOMENS JUSTOS	PAG. 80
A CABANA ABANDONADA	PAG. 96
O PESCADOR SOLITÁRIO	
AS MÁSCARAS DO DEMÔNIO	PAG. 103
A CARNE	PAG. 121
A REVOLTA DOS CAMPONESES	PAG. 133
ASA	PAG. 189

I

O PESCADOR SOLITÁRIO

Olof Olsson limpou com a manga do casaco o cristal do espelho cheio dos pontos negros da oxidação. A face, enrugada, os cantos da boca vincados, os olhos mortuários, reflectiam-se no pequeno pedaço de vidro encaixilhado na moldura desbotada pelo tempo. Passou as mãos nos enfiados das mangas do vestido. Nessa manhã trabalhara-se mal. A lâmina da navalha tomara uma curvatura incômoda que não o deixava afeccionar-se bem. Olhou as gengivas inflamadas e os dentes saídos do tabaco. Sorriu tristemente. Sentia-se envelhecer sem nunca ter saboreado os prazeres da juventude ou as alegrias da novidade. Passou o pente nos cabelos lisos de ouro desmaiado, enfiou na cabeça o boné branco com a pala preta enfiada e rachada a meio, guardou na algibeira do casaco algumas notas de dez coroas e saiu de casa. E a acobiar baixinho, reles de uma velha canção rústica do Daléland, montou a bicicleta e seguiu pelo caminho de esboços até encontrar a estrada alcatroada, que lhe aparecia a estreitar para a frente entre pinheiros marítimos, giestas e boninas em flor. Tentilhas e melros nos alegras bons dias da primavera, saudavam-no escondidos. Em Källered tocou o comboio que o levaria a Uddevalla.

A cidadezinha de Uddevalla perdida e achada num braço de mar do Atlântico Norte, em frente da ilha de Grust, na província de Bohuslän, despertava entre grupos de mulheres, velhos e crianças, silenciosas e graves nos pais da pesca. No braço de mar a entrar todo pela terra dentro, rolos de fumo e sacas de barcos confun-

disse-se no ar impregnado dos odores dos pólenes das florestas. As famílias dos pescadores, com os trajes de cores amortecidas da Escandinávia, esperavam os pais, os filhos, os maridos, os amigos.

Nessa dia chegara dos galos sternos do norte a frota de pesca do rico Nils Johnassen.

I

A tarde enevoadada de Março morria já em Udevalla quando o comboio deixou Olof Olberesson na estação do caminho de ferro. Olhos franjados de luz deslizavam suavemente para o sul. Udevalla Olof Olberesson limpou com a manga do casaco o cristal do espelho cheio dos pontos negros da oxidação. A face, enrugada, os cantos da boca vincados, os olhos mortiços, reflectiam-se naquele pedaço de vidro encaixilhado na moldura desbotada pelo tempo. Passou as mãos mal cuidadas nas maçãs do rosto. Nessa manhã barbeara-se mal. A lâmina da navalha tomara uma curvatura incômoda que não o deixava escanhoar-se bem. Olhou as gengivas inflamadas e os dentes sujos do tabaco. Sorriu tristemente. Sentia-se envelhecer sem nunca ter saboreado os prazeres da juventude ou as alegrias da mocidade. Passou o pente nos cabelos lisos de oiro desmaiado, enfiou na cabeça o boné branco com a pala preta ensebada e rachada a meio, guardou na algibeira do casaco algumas notas de dez coroas e saiu de casa. E a assobiar baixinho restos de uma velha canção rústica do Dalsland, montou a bicicleta e seguiu pelo caminho de saibro até encontrar a estrada alcatroada, que lhe aparecia a estreitar para a frente entre pinheiros marítimos, giestas e boninas em flor. Tentilhões e melros nos alegres bons dias da primavera, saudavam-nos escondidos. Em Mellerud tomaria o comboio que o levaria a Udevalla.

A cidadezinha de Udevalla perdida e achada num braço de mar do Atlântico Norte, em frente da ilha de Orust, na província do Bohuslän, despertava entre grupos de mulheres, velhos e crianças, silenciosos e graves nos cais de pesca. No braço de mar a entrar todo pela terra dentro, rolos de fumo e sereias de barcos confun-

diam-se no ar impregnado dos odores dos pólenes das florestas. As famílias dos pescadores, com os trajes de cores amortecidas da Escandinávia, esperavam os pais, os filhos, os maridos, os amigos.

Nesse dia chegara dos gelos eternos do norte a frota de pesca do rico Nils Johnassen.

A tarde enevoada de Março morria já em Udevalla quando o comboio deixou Olof Olbersson na estação da caminho de ferro. Cirros franjados de luz deslizavam suavemente para o sul. Udevalla adormecia fustigada pela brisa que soprava de terra para o mar. Nas ruas da cidade, alinhadas entre casas de madeira com telhados de zinco ondulado inclinados em triângulo, alguns pescadores que não esperavam já notícias do mar, fumavam em cachimbos queimados com rum, sentados nos degraus das portas. Outros conservavam em silêncio redes esburacadas que cheiravam a peixe e a maresia, estendidas em grandes cruzes de madeira que se sucediam em filas intermináveis.

A frota do rico Nils Johnassen lançara âncora no braço de mar de Udevalla. Dos turcos enferrujados desciam as baleeiras suspensas dos cabos que chiavam nas roldanas. E poisavam na superfície calma do mar cor de opala sob os raios do sol poente que cortavam os últimos cirros amontoados recortados na luz. A chusma da companhia, grave e séria, de barba crescida e olhar mortuário, com trouxas de roupa ao ombro e bonés de pala enterrados na cabeça, acomodava-se nos bancos corridos. E entre sorrisos e acenares para o cais, lá se aproximou de terra, ao compasso cadenciado das remadas dos vogas.

As mulheres e as mães beijavam os maridos e os filhos. O beijo é uma expressão humana de amizade e amor. Os amigos apertavam as mãos pelo contágio do ocidente. As crianças abraçavam os pais. E voltavam logo a brincar umas com as outras na indiferença do tempo e do espaço que as separava, meses seguidos, do pão ganho

nas distantes paragens geladas do norte.

E silenciosos na alegria, homens, mulheres e crianças arrancadas pelas mães aos prazeres da rua, seguiram em longo cortejo para as suas casas.

Na estalagem do Veado Azul - o veado azul da lenda nórdica que vivia para lá dos fjords - com vigas de madeira enegrecidas pelo fumo, de onde pendiam lampiões de latão, juntava-se a gente do mar com as peles enrugadas pelo frio do polo e mãos anquilosadas pelos cabos e harpões da pesca da baleia. Jogavam uns com cartas descoloridas e encaracoladas pelo manuseado, conversavam outros em tom baixo debruçados sobre toscas mesas de pau. Em todas elas havia canecas de cerveja e pratos com fritos. No ar, o fumo das cachimbadas, o cheiro acre ao óleo dos cozinhados em pratos servidos a troco de meia coroa, o ambiente da gente suja. Num pianoforte francês, desafinado pelo martelar, um homem esquecido arrancava do teclado de marfim amarelado, restos de outras tristes canções da Escandinávia.

Olof Olbersson entrara no Veado Azul. Escolhera uma mesa junto do vidro da montra do salão. Podia ver a bicicleta, que o acompanhava sempre, apoiada à parede exterior da estalagem e os pescadores que chegavam do mar depois de tornar a abraçar os seus. E entristecia-se com a ventura dos outros por não ter ninguém que o esperasse ou se tivesse despedido de si.

Olof Olbersson já não conhecia ninguém em Udevalla. Filho de um Pastor sueco da igreja não-conformista e de uma senhora francesa católica que seu pai conhecera um dia em Goteborg e com quem se casara no culto protestante, cedo se viu desamparado da companhia da mãe. A doçura do olhar da senhora Olbersson, o sorriso franco, por vezes triste, o espírito vivo e afecto às coisas do coração, a morte arrebatara brutalmente na força da vida entre o estreitor de um mal escondido. Privado para sempre daquela companheira de quinze anos de carinhos, encontrou-se perante o mundo rígido e fechado de seu pai, crente fervoroso e professante da palavra de Deus, certo da Verdade dos místicos

versículos das Sagradas Escrituras que a sua inteligência interpretava livremente e irredutível com as fraquezas dos outros. Eram as duas forças contrárias do sangue ocidental e do nórdico que se combatiam violentamente sem nunca se compreenderem uma à outra no mesmo ciclo de vida. A interpretação livre da Verdade do pai e a interpretação condicionada da verdade da mãe, do mesmo Livro Santo, chocavam-se continuamente na sua alma de dúvida constante. A saudade dos momentos de bondade, de perdão, de alegria interior e de sofrimento de sua mãe, faziam-no não ter compreendido nunca a palavra de Deus apregoada por seu pai na missão não-conformista de Udevalla, quando, durante as prédicas dos serviços divinos, anunciava as espadas de fogo dos exércitos de anjos na vingança do Deus Dominus e o perdão, difícil em sacrifícios, de Jesus Cristo, o Único Mediador entre o Deus Pater e os homens. Fugira de casa. Daquela casa triste e sombria pejada de livros santos, dos manifestos filosóficos de Calvino e de Erasmo, dos tratados reformistas de Huss e de Luter, comentados pelo lápis das interrogações de seu pai, interrogações que ficavam sempre sem resposta. Procurara a vida, a outra Verdade do dia a dia entre as misérias e as dúvidas da humanidade. Tentara compreender os homens nas suas angústias, nas suas tristezas e nas suas alegrias. Era a força escondida do sangue latino que o levava a procurar a rua, que o fazia querer encontrar a Verdade das coisas reais e palpáveis. Mas a seiva nórdica apagava o fogo interior de revolta e da necessidade de se tornar livre. E tornou-se indeciso, amedrontado, inconstante, insociável até. Continuava a ser o mesmo miserável que se arrastava, desde esse dia em que saíra de Udevalla, no desespero e no abatimento de si próprio, na dúvida constante, porque, naquela cidade perdida e achada num braço de mar do Bohuslan, não encontrara o ambiente que pudesse satisfazer a sua alma ávida de certezas, o seu espírito amortecido na dúvida. Os homens que conhecera tinham encontrado - ou pelo menos julgavam ter encontrado - o fim da vida terrena. Os problemas imediatos estavam solucionados. Cada um tinha o seu bem estar. E cada um fisera do seu próprio lar o seu mundo, sem preocupações nem ambições, porque cada um tinha encontrado em si próprio a palavra dos Evangelhos que seu pai pregava sem convicção

íntima, como o demonstravam as interrogações que ficavam sem resposta. Tentara então libertar-se da humanidade/hipócrita, viajar, correr o mundo que o chamava a cada instante de dúvida e hesitação, ir beijar um dia as terras que o sol aquece e ilumina com mais amor, as terras do ocidente, vivas, alegres, onde o homem se revolta eternamente contra a felicidade que o rodeia e busca constantemente novos problemas, novos porquês, novos desassossegos, novas esperanças / novos desenganos. Mas tudo falhara. Aquela indecisão, aquela dúvida constante, aquela saudade da única mulher que ele amara verdadeiramente, a sua mãe, destruíram-lhe tudo na vida.

Como a imagem aumentada trezentas vezes de uma película cinematográfica projectada num "écran", vira parte da sua vida representada no enquadramento do vidro da montra da estalagem do Veado Azul, como se num momento tudo à sua volta se tivesse amortecido na luz ambiente e iluminado no cérebro em imagens mortas súbitamente animadas de movimento.

A casa enchia-se de gente. Nem se ouviam já os sons plan-
gentes do pianoforte.

~~Olof Olbersson~~ despertou do sonho em que estivera mergu-
lhado. Sentado no banco, apoiou os cotovelos no tampo da mesa
de pau com nódoas de gordura e círculos marcados pelas canecas.
E mandou servir, sem entusiasmo, uma cerveja bem tirada do bar-
ril apertado nos aros de latão polido.

Raras vezes vinha a Udevalla. Detestava o convívio dos ou-
tros, os ruídos das sereias dos barcos, as correrias da petizada,
a viagem de combóio incómoda e aborrecida. Mas nessa manhã, por
ser primavera e os campos se vestirem de flores, resolvera vir
até à cidade debruçada no braço de mar. Em Goteborg, frente tam-
bém ao Atlântico, onde estivera quando garoto, com seu pai, du-
rante alguns meses na missão não-conformista, costumava ir brin-
car para as docas do porto, conviver com a marinhagem de outros
pontos distantes do mundo, ouvir, sem entender, a linguagem dos

embarcações, encantar-se com aquela canalha que enchia de colorido os cais apinhados de mercadorias que chegavam e partiam. E olhar o mar a perder-se em distâncias de luz, e encantar-se com os seus segredos.

Na estalagem do Veado Azul, os fritos de azeite, entre o fumo das frigideiras enegrecidas nos fogões de lenha, corriam de mesa em mesa em pratos sujos de dedadas e ladeados de canecas de cerveja. E a casa continuava a encher-se da gente que nesse dia chegara do mar.

- Eh! Olof Olbersson!... Há quantos anos não nos víamos! Desde que saíste de Udevalla nunca mais ninguém soube de ti!...

Olof ergueu lentamente o olhar triste. Nos cantos das órbitas, rugas começavam a vincar-se-lhe na pele tostada. ~~Os lábios~~ expressão tomava o ar da resignação e do abandono de si próprio. À sua frente, de pé, a sorrir e a mostrar a fileira de dentes bem alinhados, com os cabelos escorridos e claros a aparecer na testa larga sob o boné de pala, um homem de meia idade, de seis toezas de altura, ombros largos e peito forte, apoiava-lhe a mão pesada no ombro magro. E sentou-se logo à mesa com o à-vontade do homem habituado a querer e a mandar.

- Já não te recordas de mim, Olof?

Olof Olbersson sorriu amargamente. O outro começou a dar-lhe palmadas nas costas. Olhavam-se ambos nos olhos. E reconheciam-se. Aquele homem forte que respirava saúde e dinheiro, era o Nils Johnassen, o garoto das docas de Goteborg que outrora se entretinha a roubar os objectos miudos das caixas que os descarregadores deixavam cair das gruas no empedrado do cais para as rebentar e espalhar bugigangas e fantasias. Quando as embalagens batiam no molhe e se desconjuntavam, Nils misturava-se com o grupo dos descarregadores pouco honestos e enchia as algibeiras das

calças com as mercadorias que apanhava à mão, "bâtons", alfinetes de pedras falsas, brincos, esferográficas. Corriam, depois, atrás dele. Gritavam. Ameaçavam-no. Mas os seus quinze anos de rua e vagabundagem depressa o levaram aos bairros distantes da cidade. Aí, a troco de algumas coroas, vendia os objectos roubadas para, em seguida, com o dinheiro que realizava, ir visitar os apartamentos da senhora Olga, onde rapariguinhas muito novas serviam as refeições nos quartos dos hóspedes, na sua maioria camponeses vindos do norte à procura de trabalho no porto da cidade. Olof Olbersson convivera com Nils Johnassen nas docas de Goteborg. E quantas vezes não fora ele convidado também para ir aos apartamentos da senhora Olga? Viam-se as pequenas ainda em combinação a passar as escovas nos cabelos de oiro desfiado em frente dos espelhos polidos ~~nos~~ quartos perfumados. Mas arreigado aos salutareis princípios que recebera dos pais, recusara-se sempre a frequentar os meios que chocavam com a sua sensibilidade de adolescente. Certo dia deixara de ver Nils nas docas. Perguntara por ele. Ninguém sabia. Mas todos afirmavam ter sido um descanso e um bem providencial o seu afastamento dos cais. Estava a tornar-se um vadio, um elemento perigoso para a sociedade. Olof, atraído pelo desconhecido, fora então bater à porta dos apartamentos da senhora Olga, para saber do amigo. Uns lábios de carmim, umas sobrancelhas de carvão e uns olhos borrados de rímel de uma rapariguinha encantadora como os rostos dos serafins das iluminuras da Bíblia Sagrada de uma edição de Harlem que seu pai tinha na missão de Udevalla, abriu-lhe a porta dos apartamentos. E, a sorrir por ver um garotinho à procura dos segredos proibidos da vida, mandara-o logo entrar, entre risadinhas maldosas de outras jovens com os seios a despontar para os vícios. A senhora Olga aparecera, num robe vermelho de fogo. A sua presença lembrara-lhe a da sua própria mãe. A senhora Olga era afectiva e simpática, bondosa e de gestos cuidados. E Olof sentira vontade de ficar ali com ela para sempre, de sentar-se ^{-lle} sobre os seus ^{rsz} joelhos, de passar-lhe os braços à volta do pescoço, de adormecer ao som das suas palavras, da sua voz doce e melodiosa como o canto da ave do paraíso. Mas a senhora Olga depressa lhe ensinou as maldades que ele nunca suspeitara haver. Olof começava a despontar para a vida e aquela mulher repugnante teve o infeliz desejo de

saborear a ^{na} ~~sua~~ carne virgem, de seduzi-lo, de animá-lo de estranho prazer. E em toda a sua inocência e candura fora arrastado para a cama com aquela mundana, afável, afectuosa. Quando finalmente compreendeu as monstruosidades a que fora obrigado, ficou a odiar todas as mulheres, a própria memória da mãe, que aquela mulher lhe recordara, por ter cometido um dia os mesmos pecados com o pai que ele sempre tivera na conta de um homem justo e pio. Desde esse dia jurara abandonar o mundo, recolher-se aos ermos para toda a vida. Sem fé em qualquer coisa sublime, mas unicamente com o ódio que votara contra tudo e contra todos, afastara-se da cidade em busca de paz de espírito e de isolamento nas terras ribeirinhas do Dalsland, no lago de Vänern.

Tinham-se passado vinte anos de silêncio e resignação. Nesse dia teve o desejo de voltar a Udevalla. Precisava, umas vezes por outras, de se reconciliar com os homens. Sentia-se envelhecer no seu ermo, numa vida inútil e ociosa. E o tempo não perdoa nem esquece. E nesse mesmo dia tornara a encontrar o Nils Johnassen, com o mesmo riso aberto, o mesmo à-vontade que sempre tivera, o mesmo ar de quem sabe o que quer e de quem consegue levar a sua vontade de vencida. Mas Nils não era já o companheiro de infortúnio nem tampouco simbolizava o mito de coragem e sabedoria que desafiava as leis da sociedade e da moral e se sentia senhor da sua independência e dos seus actos, mas sim outra vil criatura arrastada numa vida de pecado, ^{já} consciente e amoral.

Nils Johnassen tirou o boné de pala preta e brilhante. E guardou-o na algibeira do gibão de gola de pele. Os cabelos louros e escorridos soltaram-se em desalinho. Passou-lhes as mãos e assentou-os. Os olhos azuis, frios como o aço, sorriam.

- Lembras-te dos nossos velhos tempos nas docas de Goteborg?

Olof fixou o olhar triste no olhar vivo de Nils. E entre o admirado e o surpreendido, exclamou:

- Nils Johnassen!... Há quanto tempo não nos víamos... não

esperava encontrar-te em Udevalla!

E as palavras morreram-lhe na boca porque o coração não as ditava. Aquele amigo de infância aparecia-lhe agora, forte e rico, satisfeito consigo próprio, sem a mais pequena noção do remorso dos actos praticados na juventude duvidosa e irregular em que se arrastara.

Nils mostrava-se alegre. Mandara servir um prato de fritos e uma caneca de cerveja bem tirada. E mastigava o pão torrado entre as goladas de cerveja, com inteira satisfação e prazer.

- Lembras-te da Malina, a linda camponesa de Günnebo que estava em casa da senhora Olga?...Boa rapariga! Sabes que eu cheguei a ter uma pontinha de amor por ela? Mas ora!...Hoje entregava-se a este, amanhã àquele!... - E continuava a mastigar os fritos misturados com a cerveja. Ficava com os lábios molhados de espuma amarelada e limpava-os despreocupadamente à manga do gibão que não lhe devia ter custado menos de quinhentas coroas. E continuou: - Pois sabes? A pequena acabou por se casar com um rico comerciante de Estocolmo...e lá está! Já tem três filhos...encontrei-a este ano, na capital! E tu, meu velho? Ein? Quantos filhos tens? - E sorria ante o prazer que lhe dava ter encontrado, muitos anos depois, aquele amigo de infância que, contudo, não reagia ao encontro inesperado.

Olof Olbersson baixou o olhar. Ergeu-o depois lentamente e olhou a rua através do grande cristal da montra do Veado Azul.

Escurecia. A rua tomava o aspecto frio e triste do anoitecer da Escandinávia. Nas janelas das casas, pouco rasgadas, acendiam-se luzes amareladas. Na sala do Veado Azul o estalajadeiro acendeu os lampiões pendurados nas vigas de madeira enegrecidas. O pianista mastigava, agora, apressadamente, os fritos amontoados num prato colocado em cima do tampo do pianoforte desengonçado. E entre tragos de cerveja engolia o jantar incluído no contrato. Nalgumas mesas continuava a jogar-se cartas, em silêncio, entre os rolos de

fumo dos cachimbos e os rolos de fumo das frigideiras que chamavam no lume. ... o misticismo do homem solitário: - Tenho por companhia inseparável... - Hemitou.

Olof encostou na mão o queixo mal barbeado. E com o cotovelo apoiado no tampo da mesa, disse secamente, sem encarar o amigo:

- Eu não me casei, nem tenho filhos...vivo sòzinho!

O estalajadeiro serviu mais uma cerveja. Nils bebeu-a de um só trago e colocou a caneca em cima da mesa ao lado da outra esvaziada já. Empurrou-as com a mão, sacudiu o ombro do antigo companheiro e aconselhou:

- Tu devias ter-te casado, Olof!...Sim, porque eu nunca cheguei a compreender lá muito bem porque é que tu te enterraste aqui nesta terra de pescadores!

Olof fixou repentinamente o olhar no olhar de Nils. Premia as mãos. E não conseguia encontrar palavras que pudessem explicar, mesmo sem grande pormenor, o que o levava a renunciar a casar-se, a constituir família, a viver em sociedade. Não queria falar-lhe no passado que lhe pesava na consciência e o atormentava a cada momento. Aquele encontro inesperado fora-lhe desagradável, insuportável quase. Queria libertar-se novamente do amigo, mas as atitudes de Nils, o sorriso forte, as frases convictas, obrigavam-no a ficar. Baixou novamente o olhar. E deixou cair as palavras nos círculos marcados no tampo da mesa;

- Já te disse que estou só...Vivo nas margens do Vanern, pouco e tenho o suficiente para as minhas necessidades!

- No Vanern?!

- Sim! Admiras-te?...De facto a paisagem é tão monótona co-

mo a minha existência, mas... - Olhou profundamente Nils e acrescentou com todo o misticismo do homem solitário: - Tenho por companheira inseparável... - Hesitou.

Nils riu grosseiramente. E quando o estalajadeiro voltou a passar com a bandeja pejada de canecas de cerveja, deitou a mão a uma delas e bebeu-a de uma só vez. E a rair ainda bateu com ela no tampo da mesa, piscou os olhos azuis, frios como o aço e exclamou:

- Ora vês tu, meu velhaco? Afinal sempre te arranjaste como pudeste!...É assim! Um homem pode lá passar sem uma fêmea!

Olof revoltava-se intimamente. Aquele pedaço de asno do Nils, brutal, ignorante, engordado e endinheirado à custa de dúbios processos, não via senão a carne à sua frente. Apertou-lhe com força o braço interrompendo-lhe o riso alarve. E com a expressão tão fria como o olhar do amigo de antanho, murmurou:

- Ouve, Nils, não é como tu julgas...já te disse que vivo sozinho...tenho por companheira inseparável...uma árvore solitária na colina que sombreia a minha casa, no Dalsland!

A pele tostada da testa de Nils Johnassen enrugou-se. Os lábios contorceram-se-lhe. E encolheu os ombros em ar de desprezo. Tinha vontade de continuar a rir da infantilidade do amigo, mas as gargalhadas estrangularam-se-lhe na garganta ante a expressão concentrada de Olof. Mandou servir outra caneca de cerveja. E bebeu-a de uma só vez. A caneca deixarar ficar no tampo da mesa outro círculo brilhante bem marcado. Exclamou:

- Foste sempre um tipo estranho, palavra!...Nunca te compreendi, nem te levei a sério...mas o que te digo é que devias ter casado! - E súbitamente animado, com os olhos pequenos e